

Migração Nordestina e a formação de Londrina

(texto de Marina Stuchi)

O processo de colonização do norte do Paraná foi iniciado na década de 1920 por um grupo capitalista inglês que mais tarde deu origem à Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), espécie de loteadora responsável pela colonização da região. Londrina foi instituída oficialmente município em 10 de dezembro de 1934. As terras roxas e férteis, altamente favoráveis à produção agrícola, associada ao intenso trabalho dos pioneiros, especialmente dos trabalhadores braçais, fizeram com que a cidade tivesse um desenvolvimento econômico surpreendente em poucos anos por causa do plantio e comercialização do café, cujos grãos eram chamados de “Ouro Verde”.

Nesse cenário, passou a emergir na região sul do Brasil, até então marcada pela presença maciça de imigrantes provenientes da Europa, os retirantes das secas, nordestinos e negros. As desigualdades regionais no Brasil impulsionaram as migrações internas. A grande seca no Nordeste na década de 1930, fez com que um grande contingente populacional migrasse para o sul do país. A princípio, essa população chegava no estado de São Paulo e de lá, atraídos pela propaganda do Eldorado no Norte do Paraná, chegavam nessas terras com o sonho de uma nova vida, com mais prosperidade, uma terra fértil onde poderiam plantar e mudar a situação de miséria pela qual passavam no seu estado de origem.

Essas populações concentradas nas regiões que não ofereciam oportunidades econômicas vivenciavam uma deterioração do nível de vida e esta situação estimulou o surgimento de um estado favorável à expulsão de grandes contingentes demográficos, como ocorreu principalmente no Nordeste brasileiro e no estado de Minas Gerais, a partir da década de 1930 até 1960.

A estagnação econômica, as contínuas secas e as inúmeras precariedades vivenciadas cotidianamente fizeram com que muitos nordestinos deixassem suas terras de origem e migrassem para outras regiões do Brasil em busca de melhores condições de vida e oportunidades. Sobre as condições em que a sua família vivia em Paramirim, D. Izolina Marques Neves afirma:

“A Bahia era muito seca, era muito seca, demais, não tinha chuva, não tinha quase nada, demorava seis meses pra chover, agora eu não sei como é que tá, mas meu pai sempre contava que tinha de abrir aqueles buracos na areia pra minar água, pra catar água pra gente beber. Falei: ‘Ah! Meu Deus do céu, nós vamos morrer de fome num lugar desses...!’”.¹

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas pela expansão cafeeira no norte do estado e as famílias negras foram fundamentais na constituição da mão-de-obra, tanto na derrubada de matas para posterior plantio, como nas lavouras. A família Marques Neves, procedente da Bahia, chegou a Londrina no início da década de 1950, sendo que desde essa época a cidade emergiu no cenário nacional como polo de atração de migrantes,

principalmente nordestinos, por causa da demanda por força de trabalho. Nesse período, o município expandiu-se consideravelmente em decorrência da produção cafeeira, o que levou à intensificação do setor primário de toda região. A população passou então de 20.000 para 75.000 habitantes, quase metade moradora da zona rural. Na década de 1960,

Londrina ganhou projeção internacional passando a ser reconhecida como a Capital Mundial do Café.

Quando a família Marques Neves chegou ao Patrimônio Espírito Santo o local era “puro mato”, ou seja, a região ainda era coberta de florestas, conforme relata Dona Izolina Marques Neves.

“Meu pai veio abrir mata aqui [em Londrina]... Vinha com os colegas dele, de pau-de arara... Chegando aqui eles faziam aquelas cabaninhas no meio do mato, abriam aqueles picadões e faziam as cabanas de taipas de sapé pra ficar debaixo. [...]. Quando ele veio pra cá, ele contava pra nós que a única coisa que tinha dentro de Londrina era o Hotel dos Viajantes e o Bosque ... O Hotel dos Viajantes era ali de frente com o Museu, onde é o Museu hoje.”ⁱⁱ

Dona Edith Marques Neves, cunhada de Dona Izolina, nasceu na cidade baiana de Paramirim e chegou ao norte do Paraná, pela primeira vez, em 1949, com o pai e o sogro, mas em 1953 voltaram para Bahia, pois tinham apenas vindo para fazer a colheita do café. A história da família de Dona Edith está ligada a história de muitos brasileiros que no auge dos fluxos migratórios nordestinos, percorriam exaustivos trajetos nos chamados “paus-de-arara”, fugindo da miséria e da seca, em busca de melhores condições de vida. Ao compartilharmos a trajetória de vida de D. Edith e de sua família, almejamos apresentar as peculiaridades vivenciadas por esta família, mas também conectar essa história a de inúmeros migrantes nordestinos que vieram para Londrina durante o ciclo do café e trabalharam para a construção dessa cidade. Esses pioneiros enfrentaram as difíceis condições de vida como migrantes nordestinos que buscaram novas oportunidades ao sul do país como desbravadores dessa terra no Norte do Paraná.

Seu Ântonio é outro nordestino que veio para o Norte do Paraná em busca de melhores condições de vida, assim como muitos de seus conterrâneos na mesma época. A Bahia enfrentava uma grande seca nessa época e as condições de vida estavam muito duras, além de escassas oportunidades de trabalho. Seu Tonho, como é conhecido, saiu de sua terra natal aos 20 anos de idade, veio apenas com a coragem e com sua força de trabalho, disposto a mudar de vida e construir um novo futuro para si e sua família. Chegando nessas terras, trabalhou como servente de pedreiro, mas sua principal ocupação foi o trabalho como saqueiro, contribuindo com sua força de trabalho na economia cafeeira. É preciso lembrar e valorizar o trabalho de inúmeros homens como seu Tonho, pois se não fosse pelo enorme contingente de trabalhadores envolvidos a cultura cafeeira não teria se expandido e Londrina não seria a capital mundial do café na década de 1950.

Através dos relatos de memórias de Dona Edith e se Seu Antônio nos foi possibilitado acessar fragmentos de vivências pessoais, mas também de histórias da formação de Londrina, visto que as ligações de sua biografia individual estão conectadas aos processos sociais mais amplos da sociedade brasileira. As narrativas feitas por eles nos contemplam com diversas vozes silenciadas pela “história oficial”, e nos traz o ponto de vista dos migrantes pobres e negros que se deslocavam em busca de melhores condições de vida.

As narrativas feitas pelos entrevistados nos possibilitam vislumbrar, com detalhes e precisão, o cotidiano de muitos trabalhadores daquela época na incipiente cidade de Londrina, ao mesmo tempo que reafirma a participação do povo negro, homens, mulheres e crianças, nos trabalhos nas lavouras agrícolas do norte paranaense, participação esta que se encontrava apagada e silenciada na memória social da cidade.

Através do registro da memória dessa população podemos suscitar debates importantes sobre o silenciamento dos negros na memória e história local e regional. E podemos defender que a população negra de Londrina sempre foi presença marcante na cidade

ⁱ Relato de Dona Izolina, presente no livro “Dona Izolina e a Venda dos Pretos : solidariedade e resistência”

ⁱⁱ Relato de Dona Izolina, presente no livro “Dona Izolina e a Venda dos Pretos : solidariedade e resistência”